

Etnografia multiespécie com a paisagem no cerrado do sudoeste piauiense no município de santa Filomena <sup>1</sup>

Cristhyan Kaline Soares da Silva (UFRN-RN)<sup>2</sup>

**Palavras chaves:** cerrado, paisagem, etnografia multiespécie.

O presente ensaio trata se de um pequeno recorte da minha dissertação de mestrado “Entre “carreirinhos e pisagens”: uma etnografia da paisagem na comunidade Vão do Vico e no povoado matas no sudoeste piauiense” defendida no final do ano de 2022 no Programa de pós-graduação em Antropologia, na Universidade Federal do Piauí. A pesquisa que se estende em doutoramento em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apresenta uma noção antropológica de paisagem no sudoeste do estado do Piauí no recorte da comunidade Indígena Vão do Vico.

Neste escrito, me enredo pelos caminhos dos brejos com a intenção de acompanhar as relacionalidades construídas e construtoras de paisagem. Os dados etnográficos aqui apresentados são fruto de vivencia e pesquisa com a comunidade Gamela Vão do Vico em diferentes períodos entre 2021 e 2022.

A região sudoeste do Piauí é composta pelo bioma cerrado, nela habitam desde os tempos imemoriais, povos e comunidades tradicionais que manejam o cerrado a partir da vivencia e experiencia com o bioma. A partir da década de 1990 o cerrado piauiense passa a fazer parte da expansão da fronteira do agronegócio do Brasil com MATOPIBA<sup>3</sup>, e as paisagens nativas, agora dividem espaços com paisagens unificadas das grandes fazendas de soja, milho, algodão etc.

Nesse contexto de expansão do agronegócio povos e comunidades tradicionais, entre eles o povo Gamela, enfrentam conflitos socioambientais ocasionados pelo desmatamento, grilagem de terras entre outras violências. A partir do cenário de produção agrícola em larga escala o cerrado enfrenta as consequências ambientais imprimidas diretamente na paisagem regional.

A paisagem cerradeira é composta de varias unidades paisagísticas, entre elas as serras, os baixões, e as áreas de transição entre duas. A serra é a parte alta do cerrado, chamada pela geografia de altiplanos, é nelas que estão localizadas as fazendas da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

<sup>3</sup> Acrônimo de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

agroindústria. As grandes áreas de terras planas, permitem o trabalho do maquinário pesado próprio de produção escalonada. Os baixões, como o próprio nome sugere, fica localizados nas partes baixas e são caracterizados pelos fluxos aquáticos neles presentes, e pela densidade de sua flora, muitas espécies vegetais convivem no brejo. Há também as áreas de transição entre a serra e o baixão que podem ser desfiladeiros altos, ou descidas íngremes conhecidas como ladeiras, essas áreas de transição podem ser de mata aberta ou fechada.

Baseada nos autores, Anna Tsing (2019), Tim Ingold (2011, 2015, 2017), por paisagem entendemos um emaranhado de histórias vidas humanas e outras que humanas, topografias e significados que são construídas a partir de encontros e dinâmicas dos humanos e outros que humanos com o meio a sua volta. Nesse escrito estou indo em encontro ao entendimento de paisagem que considere as perspectivas históricas, geográficas e sensíveis da paisagem. Em seu percurso histórico a paisagem do sudoeste piauiense passa por mudanças ao longo do tempo, em sua cronologia recente a marcas na paisagem, deixadas pela ação humana, possuem uma escala maior advinda com ação do agronegócio. Por exemplo a marcas na paisagem deixadas por um roçado indígena é infinitamente menor que a marca deixada por uma fazenda de soja.

As histórias humanas e outras e outras que humanas que são inscritas na paisagem nos informam acerca da dinâmica da vida presente nesses lugares. Nos importa descrever a paisagem do sudoeste piauiense, para informa a riqueza biofísica e cultural da região e demonstrar que essa paisagem em disputa pelo agronegócio merece atenção da antropologia e, portanto, da etnografia multiespécie. Há múltiplas forma de manejar, conviver e produzir paisagens. Observamos que há uma disparidade de entre o manejo escalonado da soja e o manejo de roças e extrativismos no cerrado piauiense. Por essa via faremos uma descrição da unidade de paisagem do brejo, muito comum nos baixões do no cerrado piauiense.

O brejo trata se de uma paisagem molhada que possui uma diversidade de vidas atraídas pela água ali presente. No brejo habitam um complexo conjunto de vidas animais e vegetais e é constantemente visitado pelas pessoas. Os lugares em que se localizam os brejos do cerrado, estão nas partes mais baixas dos terrenos, os brejos variam de tamanho, podendo ser uma pequena ou média porção de terra molhadas. Os núcleos de povoamento do cerrado piauiense, estão localizados próximos aos cursos d'água, rios, lagoas e brejos. Na comunidade indígena Gamela Vão do Vico, por exemplo, o núcleo de povoamento é abastecido pela água bombeada do brejo (figura 01) que fica no núcleo da comunidade.

Figura 1 - Fonte de água na comunidade Vão do Vico



SILVA (2021)

O ambiente úmido do brejo, faz com que a temperatura nesse local seja mais amena, ou *fria*<sup>4</sup> como dizem os moradores locais. Segundo Zulmira Lima, indígena Gamela, moradora da comunidade Vão do Vico o brejo ocupa lugar central na vivencia no cerrado.

A importância do brejo para nós é uma importância muito boa, porque quando a gente chega assim no brejo a gente sente um alívio, aonde tem água tem vida. A importância do brejo é uma importância inesquecível porquê do jeito que as água hoje tá acabando por causa do cerrado, a gente fica muito feliz da onde tem um brejo. Um brejo para gente pegar água pra beber, para tomar banho, para gente lavar roupa. A importância do brejo aqui é muito grande, porque do brejo é da onde nós vive. Por isso é muito importante a gente manter o brejo

---

<sup>4</sup> Usaremos o itálico para destacar categorias locais.

vivo, por que aqui para nós é brejo, não é rio, é brejo. A água é vida, sem água nós não tem vida. (SOUSA, 2022)

A percepção que Zulmira apresenta acerca do brejo, nos informa a importância do brejo para manutenção da vida cotidiana dos afazeres domésticos, como também nos revela as relações outras que humanas através da palavra “vida” que de respeito a todos a habitantes do brejo. É nos brejos que estão localizados os buritizais onde ocorre a coleta do buriti. O Buriti é um fruto que faz parte da cadeia alimentar das pessoas e animais que habitam o cerrado.

Com frequência as palmeiras ficam cercadas pelas poças de água, e quando o buriti cai na água, ficando ali por um tempo, já pode ser consumido no momento em que é coletado, por que estar *mole*. Os buritis que caem na água e que estão moles que são consumidos pelos cachorros. A água do brejo que envolve as palmeiras do buriti serve como agente ativo no amadurecimento do buriti (figura 2), ou seja, buritis que já são coletados da água, precisam de menos tempo de molho, diferentemente dos que caem na parte seca.

Figura 2- Zulmira Lima e Deuzuite Sousa coletando Buriti



SILVA (2021)

Em outro momento Silva (2022), inspirada em Tim Ingold, apresenta o conceito de *tafagem* para se referir as tarefas e ou atividades que interligam a vida doméstica ao brejo, pois como salienta Zulmira Lima o brejo é local, unidade paisagística do desenrolar da vida. O trabalho de coleta e tratamento do buriti envolve uma gama de conhecimentos construídos e vivenciados na paisagem a partir da educação da atenção.

O brejo é habitado por diversos animais, entre eles os macacos de pequeno porte, pássaros, insetos como aranhas e besouros, os cachorros espécie companheira dos indígenas por exemplo, se deslocam para o brejo acompanhados dos humanos ou sozinhos para consumir o fruto do buriti. Ao adentrar no brejo somos envolvidos por uma sensação térmica diferente, como também por uma profusão de sons que se irradiam pela mata, esses sons são proferidos pelos animais que ali habitam. Todas as vezes que acompanhei as mulheres na ida ao brejo, foi uma experiência única, pois os percursos e meios de sentir o brejo, se remodelavam a cada vez.

Sendo assim, olhar os buritizais localizados nos brejos, a partir do conceito de antropologia da paisagem é considerar ao mesmo em seu emaranhado de vidas e relações que envolvem água, os animais, os vegetais e os humanos Silva (2022). Os detalhes paisagísticos da vida no brejo presentes na profusão de sons, no vento, no emaranhado animal e vegetal, na coleta do buriti nos informam sobre a respeito do movimento dinâmico presente no desenrolar da vida. Anna Tsing (2019) usa o conceito de “dança” para se referir às movimentações e as trocas multiespécies na paisagem.

A paisagem, não deve ser compreendida, como uma unidade biofísica estática, para ser contemplada e apreciada como fazia a arte do século passado. O conceito de paisagem que nos interessa parte de um viés dinâmico, histórico e interacional entre humanos e outros que humanos. Mesmo a paisagem unificada da serra, formada pelas fazendas de soja, milho, algodão etc. apresentam uma dinâmica própria.

A vivência com o brejo é uma das múltiplas formas dos Gamela de construir relações com o seu território-paisagem. Há outras formas de construção de vida no cerrado piauiense com a coleta de mel, o cultivo de roçados, a pesca, a caça e a criação de animais, sem falar nas construções cosmologias que dizem respeito a circulação dos encantados pela paisagem. Como sinaliza Davi Kopenawa (2016) acerca dos Yanomamis o território- paisagem também abriga em si fontes de significados para as formas simbólicas de enxergar o mundo.

Ao descrevermos a paisagem do cerrado piauiense, com ênfase no brejo, temos como intenção evidenciar que a antropologia da paisagem, que tem como ferramenta metodológica a etnografia multiespécie, deve estar atenta as relações e relacionalidades que ocorrem na paisagem. Digo, ao descrever a relação de trabalho e coleta com o buriti existente no brejo, estamos discorrendo sobre uma relação entre Indígenas e Palmeira que está para além de consumo de alimento. A palmeira também se correlaciona na sua existência, com os macacos, com água, com as outras espécies vegetais com a quais divide espaço do brejo, com os insetos e pássaros que fazem de seu tronco, morada e assim a vida na paisagem do brejo, segue a diante.

Segundo Eduardo Konh (2013) a vida pressupõe a noção de “todo aberto” o autor defende que essa abertura é justamente a conectividade/relacionalidade a qual todos os seres vivos estão disponíveis. A coleta do buriti, envolve sentidos e conhecimentos tradicionais que foram sendo constituídos com e na paisagem ao longo do tempo. Em nosso entendimento o papel da antropologia da paisagem é estar atenta as múltiplas formas de visualizar, de construir e de significar a paisagem a partir de suas histórias específicas. Abordamos de forma breve o contexto de exploração do cerrado para a implantação da monocultura de soja. Nesse novo ciclo a paisagem cerradeira ganha novos contornos, novas e divergente formas de usos e produção de vida.

Nossa intenção com esse ensaio pequeno foi é apresentar as possibilidades de análise antropológica na paisagem do sudoeste piauiense indo além dos entendimentos apenas ambientais sobre o desmatamento e desmantelamento da paisagem. A descrição da importância do brejo para a reprodução do modo de vida dos Indígenas Gamela, é também uma luta política pela preservação do cerrado. Os dados aqui apresentados foram adquiridos a partir de uma experiência com as pessoas e com as paisagens, por isso chamamos atenção a etnografia multiespécie como ferramenta importante nas construções de análises sobre com as paisagens.

Em suma o presente escrito apresenta uma breve reflexão acerca do conceito de paisagem e da etnografia multiespécie, partindo de experiência com a paisagem do cerrado piauiense, nele apresento o que estou entendendo por paisagem e quais caminhos iniciais para dar seguimento na pesquisa no doutorado em antropologia.

## Referências

INGOLD, Tim. “Contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento” In **Estar vivo. Ensaaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. EDITORA. VOZES. Petrópolis, Vozes, 2015. pp. 215-229

INGOLD, Tim. “**Epílogo. Antropologia não é etnografia**” In *Estar vivo. Ensaaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. EDITORA. VOZES. Petrópolis, Vozes, 2015. pp. 327-34

INGOLD, Tim. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, vol. 16, special issue s1, 2010, p. 121-139.

INGOLD, Tim., & ALMEIDA, R. (2018). Antropologia versus etnografia. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), 26(1), 222-228.

KOHN, Eduardo. **How forests think: toward an anthropology beyond the human**. Berkeley: University of California Press, 2013. 267 p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras. 729 p

SILVA, Cristhyan Kaline Soares da. **Entre “Carreirinhos e pisagens”**: Uma etnografia da paisagem na comunidade Vão do Vico e no povoado Matas no sudoeste piauiense. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Piauí, Terezina, 2022.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p

VERDE, Nicorlas